

Discurso do Prof. João Carlos Lino Gomes

Resgatar a memória é um exercício sempre desafiador porque, a partir de um certo momento das nossas vidas, não sabemos se as coisas se deram como as relatamos ou se são uma projeção das nossas experiências e até mesmo das experiências de outros que nos foram narradas ou compartilhadas por nós. O fato é que neste ano estou completando 30 anos de docência sendo que 27 deles têm sido experimentados nas três instituições às quais hoje ainda estou ligado: a FAJE, o ISTA e a PUC Minas. Entrei no mesmo ano, mas em meses diferentes. Próximo do término do meu mestrado, e convicto de que ficar atrás de uma mesa como funcionário público não fazia parte dos meus planos, enviei meu currículo para várias instituições de ensino superior, menos para as três nas quais hoje trabalho. Para FAJE (antigo Instituto Sto Inácio) não cogitei enviar porque acreditava que aqui só poderiam lecionar jesuítas ou professores da Federal aos quais fossem confiados os supostos “segredos dos jesuítas”; para a PUC não enviei porque achava que uma universidade de porte não daria lugar para um recém-formado; para o ISTA não enviei porque nem sabia da existência desta instituição que estava se formando naquele momento. O fato é que um dia, nos corredores da Federal, encontrei-me com o Prof. Leonardo Vieira, hoje na UFMG, que lecionava aqui e na PUC e, precisando fazer o seu doutorado na Alemanha, me convidou para substituí-lo. Depois de um semestre na PUC, fui chamado pelo ISTA.

Não falarei sobre a minha experiência como professor porque ela é conhecida. Afinal, dos quatro cursos reconhecidos de Filosofia existentes em Belo Horizonte, eu me formei em um deles (na UFMG) e leciono nos outros três, e alguns amigos brincam dizendo que eu monopolizei o mercado de trabalho da área. Hoje tenho a honra de trabalhar com alguns dos meus ex-professores e alguns dos meus ex-alunos que se tornaram professores. O círculo se fecha. Não raro, alunos me perguntam sobre a melhor metodologia para lecionar e respondo que nunca a busquei nos livros, pois sou uma espécie de Frankenstein formado por partes daqueles professores que mais admirei. Que se frise: eles são responsáveis pelas

partes, eu respondo pelo todo. Eu os adaptei, suguei-lhes o sangue, infernizei suas vidas, explorei os seus conhecimentos até o limite do horror. Mal os deixava sair para lanchar e tenho certeza de que ficaram felizes com a minha formatura não só pelo sentimento do dever cumprido, mas porque agora poderiam andar em paz pelos corredores. Muitas das suas marcas ainda se fazem presentes na minha memória. Como não me lembrar do carinho e da fala poética da Prof.^a Sônia Viegas, minha patrona na Filosofia, da qual fui monitor; ou das aulas do Pe. Vaz que fez com que uma colega, depois de uma primeira aula com o mestre, comentasse comigo que agora ela tinha convicção de que a Filosofia existia mesmo. Impossível me esquecer do discurso do Prof. Hugo Amaral, meu orientador de mestrado e meu grande amigo até hoje, onde as palavras se encaixavam perfeitamente como se se tratasse de uma sinfonia. É difícil deixar de lado as conversas com o Prof. Carlos Drawin, um ouvinte sempre atento, que me impressionava (e ainda me impressiona) com a sua capacidade de conjugar erudição, humor e ironia; ou as aulas do Prof. Ricardo Fenati que, além da precisão teórica nas exposições e da capacidade de ensinar os estudantes a fazer perguntas, conseguia manipular, enquanto dava aula, uma grande mesa de trabalho como se fosse um pequeno brinquedo.

Outros professores me influenciaram, mas faço dos que citei representantes de todos eles. Quanto à FAJE, fui recebido de braços abertos pelos professores Marcelo Perine e Marcelo Aquino, no comando da instituição à época, e, posteriormente, fui adotado, com o mesmo carinho, pelo Pe. Mac Dowell. Já profissional, ainda aprendi muito com estes colegas e mestres. Sempre pude desenvolver o meu trabalho com liberdade e paz de espírito. Sou destes privilegiados com relação aos quais alguém disse que puderam fazer da sua profissão a sua paixão. Em um mundo administrado como o nosso, onde os parâmetros da razão técnica invadiram praticamente todas as áreas da cultura, meu privilégio se converteu em um dever: ensinar e ensinar bem.

Obrigado!